

SESSÕES DO PLENÁRIO

43ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de agosto de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus e a força dos Orixás, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 180 anos do Terreiro Oxumarê.

Essa sessão é uma proposição do mandato da igualdade nesta Casa, conduzido pelo deputado Bira Corôa. Mas de antemão quero dizer que é uma proposição da sociedade baiana e de todo o povo de Santo, do Candomblé, que reconhece a história de luta de um templo religioso que demarca a afirmação do povo baiano pela dignidade, pelo respeito e pela construção de uma sociedade igualitária, onde a humanização passa a ser a base central da estrutura e da condução.

Convido, para compor a Mesa, a Srª Secretária de Promoção da Igualdade Racial, Drª Fabya dos Reis Santos, que nesse ato representa o governador do Estado da Bahia, governador Rui Costa; o Sr. Major da PM Paulo Sérgio Peixoto da Silva, representante do Comandante Geral da PM, Coronel Anselmo Brandão; a Srª Diretora Regional dos Correios, Alda Lúcia Neiva; o Sr. Presidente da Fundação Cultural Palmares, Erivaldo Oliveira da Silva; Sr. Professor da Uneb, Jayme Sodré; Srª Assessora Iara Lopes, que neste ato representa a secretária de Políticas para as Mulheres, Olívia Santana; a Srª Ebomi do Terreiro de Oxumarê, Sandra Bispo; a Srª Coordenadora técnica substitutiva do IPAC, Flor-de-Lis Cardoso; o Sr. Representante da Igreja Batista de Nazaré, Pastor Djalma Torres.

Neste momento, convido para compor a nossa Mesa, com todas as honrarias desta Casa, o Sr. Sacerdote do Terreiro de Oxumarê, Babá Pecê.

(Entrada do Sacerdote homenageado.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Este momento é reservado à fala do proponente da sessão e eu pretendo ser muito breve, visto que a homenagem maior deste dia é a presença de todos e todas aqui nesta Casa. O simbólico e o marcante para esta Casa não é apenas destacar os 180 anos do Oxumarê, mas trazer para esta Casa a presença de quem, de fato, tem a marca da Bahia e tem a força do Brasil, quem, ao longo de séculos, vem enfrentando as adversidades, com força, com luta e com resistência, afirmando, acima de tudo, a nossa identidade negra, a nossa identidade religiosa e o nosso jeito de tratar o outro. Essa é, sem dúvida, a força maior

deste dia.

Quero, neste ato, abrir mão, até, de fazer um pronunciamento longo, para destacar os 180 anos do Terreiro Oxumarê e dizer que nesses 180 anos o que se tem é a prova concreta, sólida de resistência, de luta, de afirmação, de busca por uma sociedade igualitária, por uma sociedade onde homens e mulheres não sejam discriminados pela sua epiderme, pelo gênero, pela orientação sexual, pela opção religiosa e, muito menos ainda, discriminados pela faixa etária. Um espaço que na sua história de vida tem lutado para combater todas as formas de violência e preservar o crescimento da sociedade a partir da humanização e da socialização. E, acima de tudo, tem demonstrado na sua história de vida tarefas imensas com o objetivo de fortalecer além da sua comunidade a própria ação da Bahia.

Nesses 180 anos de vida, o Oxumarê tem um legado de construção e de afirmação da nossa sociedade, no trato com a juventude, no combate ao extermínio da juventude negra, na socialização de meninos e meninas com o processo da educação, da cultura, da reincorporação e acolhimento social. No trato com a saúde de centenas a milhares de homens e mulheres, jovens ou de maior idade. No respeito aos valores sociais e ao direito de opção mesmo religiosa nesta Bahia, em especial em Salvador. Por isso me sinto contemplado em estar promovendo no dia de hoje este evento nesta Casa, neste salão, que é o salão principal desta casa, como demarcação de que este espaço, de fato, é o espaço de reconhecimento da Bahia, dos baianos e, por que não dizer, da nossa sociedade.

E, neste exato momento, quero encerrar meu pronunciamento. Mas convido, para abrilhantar nosso evento ao som do Hino, os Clarins e Mãe Bete de Oxalá. (Palmas)

(Apresentação musical)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Fundado em 1836, o Ilê Axé Oxumarê, por Antônio Manoel das Cobras, esse espaço religioso tem como marca ter sido dirigido por homens e mulheres e tem no seu legado de história uma contribuição imensa para a afirmação social, cultural e identitária do povo baiano. Como disse que não me alongaria muito em minha fala, apenas agradeço a existência do Oxumarê. Porque a minha identidade, a minha presença nesta Casa como negro, oriundo de uma família operária de baixa renda, meu pai era soldador e minha mãe doméstica, nascido no subúrbio ferroviário da cidade do Salvador, criado no município próximo de Camaçari, ter conseguido sentar numa das cadeiras da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia é, acima de tudo, uma construção a partir da resistência e da existência de espaços como o Oxumarê. (Palmas)

Hoje poder se assumir como negro, numa sociedade ainda desigual, como representante de uma bandeira de luta de promoção da igualdade e de combate à intolerância religiosa em nosso Estado e em nosso País é uma conquista do tempo presente. Falo de uma luta que se iniciou lá atrás, ainda nos tempos mais remotos da consolidação dessa sociedade sob a força da opressão, simbolizada pela escravidão. Posso dizer que refletida ainda nos dias de hoje nas desigualdades sociais e econômica vividas pelo nosso povo, em perseguições e contestações que o nosso

povo ainda vivencia, o Candomblé, sem dúvida alguma, é a principal instituição que nos permitiu chegar aos dias de hoje lutando e assegurando a nossa identidade negra, identidade cultural e de raça, gênero e também religiosa.

Aproveito esse momento para, em nome do Poder Legislativo constituído desta Casa, em nome da Comissão da Promoção da Igualdade, que presido, em nome do nosso mandato, agradeço ao Oxumarê este dia e esses 180 anos de resistência. Que essa celebração não seja apenas uma data comemorativa nesta Casa ou em qualquer dos espaços dessa sociedade, mas que seja um marco de referência para as futuras gerações. Que seja ressaltado o quanto é importante resistir, lutar e consorciar para que essa sociedade igualitária dos nossos sonhos possa se tornar realidade.

Muito obrigado, Oxumarê. Obrigado, Babá Pecê.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Mãe Valquíria de Oxum.

A Sr^a MÃE VALQUÍRIA DE OXUM:- Bom-dia a todos.

Otumbá Babá Pecê; Otumbá, minhas irmãs, meus irmãos mais velhos, a bênção, peço a Oxalá pelo dia de hoje, que nos dê muita paz, felicidade, prosperidade, união, amor e fé. Não sou muito de falar em microfone. Um beijo no coração de todos que estão aqui. Estou muito feliz por ser uma abá da Casa de Oxumarê.

(A Sr^a Mãe Walquíria de Oxum entoa um cântico.)

Olodumarê que tome conta de nós todos e acabe com essa violência, que está demais.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou solicitar a Lindinalva que nos contemple, destacando algumas das presenças, para que não as deixemos de registrar.

A Sr^a Lindinalva:- Bom-dia a todas e a todos. Peço a bênção a minha ancestralidade e a todos os meus mais velhos, aos mais novos, e saúdo a Casa. Estou nervosa, falando para tanta autoridade religiosa.

Agradeço imensamente a todos e todas pelas presenças, e registro a presença do Sr. Diego Montone, assessor da Assembleia Legislativa de São Paulo, presidente do PHS Afro de São Paulo, representando aqui a deputada estadual Clélia Gomes; dos filhos e filhas da Casa do Vintém de Prata; do Ilê Axé Opô Afonjá; do Ilê Axé Opô Afonjá do Rio de Janeiro; do Ilê Oxum de Brasília; do Ilê Axé Dará Oxum Eyin; do Gantois Ilê Obá Nilá, do Rio de Janeiro; Terreiro de Gantois, de Salvador-Bahia; Centro Umbandista Paz e Justiça; Ilê Asé Ayê Obaluaê; Ilê Axé Omó Odé; Ilê Axé Omi Alá; Ilê Axé Omim Omó Obá; Siobá; Ilê Axé Omin Ode Oxé; Terreiro Ilê Axé de Oxum, de Santo Amaro da Purificação; Ponto de Cultura Alafíá, Terreiro Ojú Onirê, de Santo Amaro da Purificação; Axé Maroketu; Casa Axé Nascente, de Campo Grande/Mato Grosso; algumas personalidades como o cantor Aloísio Menezes; a conselheira do CDCN, Rose Mafalda; alunos da Faculdade Batista; Aba; Gileno Costa, músico; Ilê Axé Omin Arim Massum; Centro Público de Economia Solidária; Flávio Gonçalves, diretor-geral do Irdeb; Sr^a Jussara Maria dos Santos, delegada da 7^a Delegacia; Sr^a Maria Rita, arquiteta e diretora de Patrimônio do Instituto dos

Arquitetos do Brasil; diretor da Agência Única; coordenadora do Nafro PM, capitã Thaís Trindade.

Depois registro outras presenças.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, aproveito para convidar para compor a nossa Mesa a deputada Maria del Carmen. Aproveito, deputada, para agradecê-la, sei que neste exato momento estaria em outras atividades, mas, como sempre, prestigia-nos e contribui com essa luta nesta Casa. A deputada Maria del Carmen concedeu-me o direito de continuar presidindo a Comissão de Promoção da Igualdade quando, por praxe desta Casa, tem que ser feito o rodízio. Ela absorveu a Comissão dentro da sua prerrogativa de conduzir e me repassou o bastão para que não interrompêssemos o trabalho realizado pela Comissão. Esse é, sem dúvida nenhuma, um dos gestos de maior compromisso firmado para com a luta que desenvolvemos nesta Casa e não podemos deixar de pontuar.

Quero convidar para proferir sua palestra o professor Jaime Sodré, o senhor pode realizá-la daqui da Mesa mesmo.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o professor Jaime Sodré.

O Sr. JAIME SODRÉ:- Quero pedir licença aos mais velhos e aos mais jovens para fazer uso da palavra, cumprimentar os senhores presentes e dizer que esse privilégio de estar aqui fazendo uma conversa, não uma palestra, é aquela gentileza que se faz em obediência ao Estatuto do Idoso, porque Bira sabe que, se não colocar um idoso de cabelo branco aqui na Mesa, ele vai sofrer uma multa de 12 galos. (Palmas) Quero cumprimentar a Mesa e pedir uma bênção especial ao meu pai Pecê, bênção essa que vem também da minha companheira Lúcia, que é chefe do seu fã clube, está ali evidentemente, desejando a você toda a felicidade do mundo. Não se assuste porque aqui é oxalá gaiato, oxalá alegre, oxalá da alegria, e não vou fazer palestra diante da professora Sandra, apenas vou querer cumprimentar a mesa e destacar novos aliados na pessoa, minha grande amiga, da diretora dos Correios, que veio acompanhada do seu séquito, que vai reconhecer a tradição desta Casa e fazer com que tenhamos um selo, que poderá percorrer o mundo todo, reconhecendo as atividades desempenhadas pelo Terreiro de Oxumarê. Na verdade, o que eu quero destacar para os senhores é um aspecto especial, meu pai Pecê, minha mãe Alda, a nomeei como mãe para fazer aquela média.

A repeito desses 180 anos da Casa de Oxumarê, cuja faixa diz o quê? “Compromisso com a religiosidade e compromisso com o social”. Alguém pode pensar que é apenas uma frase bem bolada para constar aqui nesta sessão. Permitam-me contar uma história muito comovente, minha mãe, que sempre conto nas atividades que exerço de falador, que chamam de palestrante, que eu sempre chamo a atenção para a Casa de Oxumarê pelo seguinte aspecto. O compromisso religioso vem desde a África. Temos um umbigo assentado na região de Abeokutá, em que de lá sai o nosso grande benemérito que vem até nós, o qual constará do discurso dos Correios, reconhecendo o nome de novos heróis do nosso cotidiano.

É preciso lembrar que vindo da África, ocupamos um espaço no bairro da Federação que tem o privilégio de ser um dos mais arborizados de Salvador. Lá,

existe a famosa mamãe natureza. E o compromisso da religiosidade da Casa de Oxumarê não é só fazer o santo da gente ficar alegre, é preservar o elemento macro, o elemento fundamental da nossa religião que é a natureza. Muita gente diz que gostaria de preservar a natureza, minha mãe Bete, inclusive vou combinar depois para gravar o disco dela, porque com essa voz vamos fazer sucesso no mundo todo.

Minha mãe Bete, a história é a seguinte: pesquisando para minha tese de doutorado sobre os candomblés e a imprensa, descobri uma pérola que é a seguinte. Um certo prefeito, professor e deputado Bira Corôa, resolveu, Maria del Carmen, fazer uma intervenção na Vasco da Gama e não tendo juízo, pretendeu adentrar, ou seja, invadir a mata sagrada de Oxumarê para fazer uma simples ponte, ameaçando o espaço territorial daquela casa que pertence à comunidade de Salvador e à comunidade religiosa, meu pai Pecê pode provar isso. Quem foi que saltou na frente para defender aquele espaço? Minha mãe Nilzete acompanhada do seu filho Magno Pecê.

Moveu-se uma campanha intensa na sociedade em busca de apoios, e é preciso lembrar que poucos apoiaram, porque acham que candomblé tem que ficar no metro quadrado, quando a cidade de Salvador é o nosso território sagrado. A gente não arreia ebó só em casa, a gente arreia o ebó na rua, então é tudo nosso e nada deles. Preocupado com a demolição das árvores sagradas e ameaça que se fazia à coisa mais sublime da nossa tradição, que são as águas,... eles queriam destruir – meu Pai Pecê, se eu estiver mentindo, corrija-me e me dê uma dúzia de bolos –, também, a Fonte de Oxum. Isso é uma falta de respeito absurda!

Minha Mãe Nilzete e o meu Pai Pecê entraram em campo. Como defender aquele espaço? Já que o trator já estava a postos, invigilante, para destruir a casa! Você sabe o que os dois fizeram? Passaram a sentar na escadaria da Vasco da Gama, passando noites e noites sentados naquela área, juntamente com “Dona Criatura”, que está aqui, do lado, Sandra Bispo, para impedir que o trator tivesse a ousadia de derrubar aquela casa.

Esses são os nossos verdadeiros heróis. Noites e mais noites ficaram lá... Mãe Ana, também, é claro. Ela é uma tropa fundamental. Mas é preciso chamar a atenção de que eles deram a própria vida para proteger a Clara Sagrada.

Então, quando se fala sobre religiosidade e compromisso social de 180 anos, são 180 anos de resistência, de verdade religiosa, protegendo o nosso sagrado patrimônio, que são as matas.

E neste momento que esta Casa chama, para que sejamos homenageados, gostaria de dizer ao deputado Bira Corôa e à deputada Maria del Carmen que, com as edições de livros feitas aqui de várias personalidades, que peço que comecem agora a série de personalidades ligadas ao povo do axé, (palmas) porque, apesar de muita gente, nós também temos histórias brilhantes para contar.

Muito obrigado. A atenção que se faz a mim é apenas em razão da nossa amizade com a Casa. Estou falando em nome do Tanuri Junsara, da qual fui consagrado, e em nome do Terreiro do Bogum, eu sou oloye. (Palmas) E eu recebi uma autorização, ainda não oficialmente, com o carimbo dos Correios, para ser

membro do Axé de Oxumarê, dado pelo meu Pai Pecê, (palmas) ou seja, quem quiser que venha, né? É mole? Eu sou fura roncó. Muito obrigado. Um abraço a todos.

Viva o Terreiro de Oxumarê. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito, neste momento, para solicitar de novo a contribuição de Lindinalva.

A Sr^a Lindinalva:- Eu vou ler um documento encaminhado pela senadora Lídice da Mata.

(Lê) “*Exm^o. Senhor Marcelo Nilo*

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia

Senhor Presidente,

Congratulo-me com a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, em especial com o deputado Bira Corôa, pela Sessão Especial em homenagem aos 180 anos do Terreiro Ilê Axé Oxumarê.

Ao completar 180 anos, o grande legado de Bába Tálábi para a preservação da memória, cultura e a Fé dos africanos escravizados trazidos para o Brasil, é inestimável. O fundador do Ilê Axé Oxumarê e seus sucessores sabiam que a cultura é a identidade de um povo. Trazendo apenas a memória de suas culturas, os africanos escravizados reconstruíram sua identidade e influenciaram fortemente na formação cultural brasileira.

Foi o prosseguimento de um ato de resistência que atravessou todo o período escravista em nosso país, e é preciso que essa determinação continue e se fortaleça cada vez mais, principalmente em Salvador, considerada a cidade de maior população negra fora da África, para que a cultura ancestral seja preservada e reverenciada.

Impossibilitada de aceitar o honroso convite para compor a mesa, devido a cumprimento de compromissos anteriormente agendados, agradeço o convite e saúdo as filhas e filhos dessa Casa de Oxumarê, importante referência para os povos de santos da Bahia e do Brasil.

Atenciosamente,

Lídice da Mata

Senadora PSB/BA”

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, concedo a palavra à ebomi Sandra Bispo.

A Sr^a SANDRA BISPO:- Bom-dia. Não se assustem com o papel, vou ler uma mensagem. Eu aprendi com os meus mais velhos que cabeça não é agenda. E quando a gente está tensa é possível que esqueça a mensagem que quero passar, principalmente para os meus mais jovens, homenageando os meus mais velhos.

(Lê) “Benção aos meus ancestrais, em especial a Mãe Hilda Jitolu e Mãe Nilzete. Ao Orixá Oxalá, pelo dia que é de hoje; a Yemanjá, dona do meu ori; aos

meus mais velhos, exemplo de força, de fé, de respeito e de carinho; aos meus mais novos, que muito me ensinam; minhas ekedes; meus ogãs; até mesmo aos simpatizantes e frequentadores do terreiro. Em especial, nesse momento, me dirijo ao meu querido, verdadeiro Babá Sivanilton, que com muita garra dirige o Terreiro Ylê Axé Oxumarê, a cada minuto matando um dragão para levar à frente aquela Casa. Meu Babá, sua benção.

Esta é uma homenagem à preservação da cultura afrobrasileira, uma atitude de respeito a nossa ancestralidade e mais que tudo uma festa pelos anos de luta e resistência de todos nós e cada um. Muitas foram as vivências, experiências, lições e aprendizados mas sempre somos chamados a refletir, a festejar e a fazer algumas reflexões sobre pontos fundamentais ligados a história e consequente formação da nossa identidade e da identidade nacional brasileira. Esse momento é o momento em que festejamos a ancestralidade em que a tradição e a memória é a base, é a estrutura da nossa história. É nesse momento que caminhamos na perspectiva de um revisitar de nossas lembranças movida pela grande emoção, alegria e muitas vezes contendo um silêncio. Estamos diante de uma grande celebração pela vida. Isto é fundamental, pois abre-se a possibilidade para que todos nós possamos conhecer e reconhecer a importância significativa dos símbolos, princípios, valores dos orixás, e o ensinamento das nossas bibliotecas vivas, que são os nossos mais velhos.”

Um conselho eu daria aos mais novos, cada história contada, cada atitude, cada palavra dita pelo mais velho, é sempre uma grande lição.

De maneira cada vez mais lúcida, (lê) “a ideia desta homenagem é profundamente louvável, conquanto nos leva a entender que a religião, especialmente o candomblé, consegue reunir os valores culturais fundantes da herança africana e da própria cultura nacional brasileira. Por outro lado, constitui-se num estímulo a uma reflexão e exercício da memória como oportunidade de leitura de si mesmo, seus laços familiares consanguíneos entrelaçados com os laços ancestrais. Também como forma de festejar aqueles que muitas vezes foram esquecidos e menosprezados mas, com muita dignidade, sobreviveram através dos tempos e aprenderam a ser um exemplo a ser seguido pelo seu conhecimento e luta, apesar de falta de oportunidades na vida. Cantemos e saudemos com alegria essa forma do ler e testemunhar o momento da essência religiosa, isto é, falamos da história de cada um, que irá formar e estruturar a história de todo o grupo religioso. É uma comemoração de relevante importância para a nossa autoestima, mas também nos aumenta a responsabilidade e o compromisso nesse legado deixado. Temos que aprender a ser, temos que aprender a ser nós mesmos, temos que transcender, pois o aprender a ser é determinado pela história de vida de cada um construindo a história de todos nós. A outra grande importância deste momento é o despertar para o ensinamento dos mais velhos, mais experientes.”

O exemplo que Babá Pecê traz quando elabora uma homenagem desse tipo, ao reconhecer a história, ele faz questão de trazer seus mais velhos, senhoras abás, senhoras que realmente podem testemunhar. (Palmas)

(Lê) “Ter cuidado, prestar atenção ao conhecimento do mais velho, que, como

um articulador cultural, como um grande e comprometido educador, utiliza o aprender fazendo, a vivência de cada um de nós, para passar a sua lição de vida, e ao avaliar o resultado desse aprendizado, prepara cada um de nós para a vida, para momentos melhores. O passado/futuro/presente é algo, uno, ultrapassando assim o modelo escolar de educação formal”, o modelo público de escola, de universidade.

Repito que a minha intenção não é falar para cátedras, para intelectuais livrescos, mas, sim, para o nosso povo de axé, (palmas) um povo que vive, que sente, que sabe.

(Lê) “Os nossos mais velhos são exemplos vivos de que todos os saberes e conhecimento humano são formas do aprender e ensinar, contribuindo para a formação de cidadãos mais lúcidos e humanos.”

É nessa tradição oral que está a raiz da nossa identidade, e somente ouvindo, somente refletindo, é que teremos, talvez, respostas para muitas e muitas coisas diante da sociedade tão hipócrita, tão louca, tão confusa, mas a que o candomblé consegue dar resposta em cima, contradizer. Quando lhe enviam um louco, a sociedade diz que é louco, mas o candomblé diz que a pessoa não é louca. Quando mandam uma pessoa em crise, o candomblé consegue reequilibrar aquelas energias e responder para a sociedade que a essa pessoa falta apenas uma oportunidade.

(Lê) “Assim, não importa qual a nação religiosa – Gêge Ketu, Angola, Umbanda ou outra designação. Também não importa a qual Orixá, Vodun ou Inquice pertencem; esta grande festa nos alerta que a religião com fé é o grande eixo que nos une. Somos todos irmãos, a democracia está aí, e este momento é também um instrumento de reflexão, de inclusão, de não-intolerância e, acima de tudo, de respeito de uns para com os outros. Festejamos a possibilidade de ser possível a convivência de grupos diferentes, com pensamentos e conhecimentos diferentes...” manias, conceitos e costumes diferentes, respeitando-se mutuamente.

Mas é necessário, senhores, o respeito não apenas no enunciado, decodificado, mas o respeito que vai além da carne, que vai nos ossos, vai na consciência, vai na espiritualidade. Respeito é uma palavra muito séria, precisamos refletir melhor sobre isso. Com experiências do ancestral, dos nossos mais velhos também, finalmente, eu diria, lembrando o nosso querido fundador do terreiro Oxumarê Abassalacó e outros mais, é um momento do sorrir e nos orgulharmos, com autoestima elevada. Ao nos conhecermos melhor, mais unidos estaremos e fortalecidos contra todo e qualquer tipo de discriminação a partir dos valores e princípios aprendidos em cada caminhada.

Aqui, com muito orgulho, tomo a bênção da Casa Branca do Engenho Velho, a bênção do Terreiro do Gantois, do Terreiro do Ventura, do Ylê Axé Opô Afonjá e de outros e outros, no momento não citados, mas reconhecidos, e, principalmente, de todos os terreiros que compõem o nosso Recôncavo baiano, fundamentalmente, do nosso Terreiro Ylê Axé Oxumarê.

Tomamos como marco os 180 anos – 1836, mas o importante não estamos esquecendo, porque o tempo não para. Estamos, sim, em clima de festa. É momento de gratidão, afeto, acolhimento e mudanças. Juntos, num só abraço, tentaremos

construir um momento melhor, e é com serenidade, respeito, muito amor e principalmente a autoridade de uma sacerdotisa, que parafraseio Mãe Stella, dizendo: “Vivemos o tempo presente, nosso tempo é hoje, já, agora.”

Obrigada! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, solicito a Lindinalva que dê continuidade ao registro das presenças. (Pausa)

A Sr^a Lindinalva:- Agradecemos a presença do Humpane Savalu Dumzou Tue, Terreiro Iá Odé Laiá; Ilê Axé Oman Ojuoká; Axé Maratu, de São Paulo; Centro Espirita Caboclo de Itapuã; Ilê Axé Omim Arim Massum; Ilê Axé Ojú Onirê; Casa de Caridade Omolu e Obaluaê; Quinta de São Lázaro; Ilê Axé Opô Onirê; Ilê Axé Ibu Oya, Oju Igbô Odé; Ilê Axé Odé Laila; Ilê Yeoman; Kawizi de Junçara; Ilê Alaketu Asé Aira, de São Paulo. Algumas personalidades: Sr. Chico Assis, subgerente da Fundação Gregório de Mattos; Sr. Jorge Kuma Wylie Santos, secretário-geral regional do PPL; representando o Sr. Reitor da Uneb José Bites de Carvalho, o Sr. Marcelo Lemos; Sr^a Elizete França, diretora de Educação e suas Modalidades, da Secretaria da Educação; Sr^a Isaura Genoveia, coordenadora do Programa de Proteção da Secretaria da Justiça; o Sr. Assessor Carlos Henrique Souza Costa, representante do vereador Edvaldo Brito; Luiza Cristina, representante regional Bahia-Sergipe da Fundação Cultural Palmares; representando a secretária Luislinda Valois, a Sr^a Camila Pacheco; Sr. Alexandre Reis, coordenador de Planejamento e Gestão da SPM/Bahia. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, será lançado o selo personalizado, assinalando os 180 anos da Casa de Oxumarê, uma das honrarias mais importantes de reconhecimento e de identidade. Convido, neste momento, a Sr^a Fátima para dar prosseguimento ao ato do lançamento do selo.

A Sr^a FÁTIMA:- (Lê) “Senhoras e senhores, bom-dia, vamos dar início à solenidade de lançamento do selo personalizado, assinando os 180 anos da Casa de Oxumarê. Convido, neste momento, a diretora regional dos Correios na Bahia, Sr^a Alda Lúcia Snoeck Neiva, para se posicionar junto à mesa de lançamento.

Os Correios, por meio da Diretoria Regional da Bahia, lançam nesta oportunidade, no universo do colecionismo postal, um selo personalizado celebrando os 180 anos de religiosidade e compromisso social da Casa de Oxumarê.

O selo personalizado é um produto filatélico, composto por um selo impresso pela Casa da Moeda do Brasil, no qual a imagem aplicada diretamente sobre a folha-base de selos, com as legendas que caracterizam os selos postais emitidos pelos Correios.

A história da Casa de Oxumarê foi escrita com a coragem de africanos e perpetuada com a abnegação daqueles que jamais abandonaram suas raízes. O selo que celebra os 180 anos de religiosidade e compromisso social da Casa de Oxumarê tem em sua belíssima imagem os sacerdotes que já passaram pela Casa: Talabi, Salakó, Antônio de Oxumarê, Cotinha de Ewá, Simplícia de Ogum, Nilzete de

Yemanjá e Babá Pecê de Oxumarê. Circundando os sacerdotes, um arco-íris, o símbolo que representa o Orixá regente da Casa, que é o próprio Oxumarê.

Informamos que as peças carimbadas e assinadas pelas autoridades convidadas para o ato passarão a fazer parte do acervo filatélico dos Correios e servirão como fonte de pesquisa e registro de tão importante acontecimento no contexto histórico e sócio cultural. Para o ato de obliteração do selo e assinatura da cartela de lançamento, a Diretora Regional dos Correios na Bahia, Sr^a Alda Lucia Snoeck Neiva convida o Exm^o Deputado Estadual, Sr. Bira Corôa.” (Palmas)

A representante dos Correios procede à entrega do álbum de emissão.)

A Sr^a FÁTIMA:- Do mesmo modo convida o Sr. Sacerdote do Terreiro de Oxumarê Babá Pecê. (Palmas)

(A representante dos Correios procede à entrega do álbum de emissão.)

A Sr^a FÁTIMA:- Convida também Ana de Ogum. (Palmas)

(A representante dos Correios procede à entrega do álbum de emissão.)

A Sr^a FÁTIMA:- Convida em seguida Pai Poti.

(A representante dos Correios procede à entrega do álbum de emissão.)
(Palmas).

O Sr. Pai Poti:- Bom-dia, boa-tarde a todos. A benção aos mais velhos, a benção aos mais novos, a bênção a todos que estão aqui presentes. É importante dizer que foi uma surpresa eu estar aqui agora. Eu não sabia que eu vinha! Para mim é importante, porque eu sou do Recôncavo, apesar de ter o Título de Cidadão Soteropolitano. Estou aqui com dez terreiros para homenagear a Casa Oxumarê, que é uma casa importante para a gente do interior.

A Casa Oxumarê manda os militantes do terreiro, para ajudar os terreiros do interior, para ajudar o Bebê do Mercado e para ajudar as comunidades quilombolas. Isso é importante para a gente, o ajô! Apesar de Babá Pecê não estar muito, as pessoas da casa dele, os filhos de santo e o Zabian, orientam os terreiros, não só a casa dele, mas as nossas casas também, para chegar a este momento que está chegando agora a Casa Oxumarê. Para a gente isso é importante!

Quero dizer que a Casa Oxumarê tem uma raiz muito grande! Como hoje é o dia de Oxalá, e Bira Corôa, deputado que dá força ao nosso terreiro e aos terreiros da Bahia... Saúdo também a Mesa na pessoa de Uiara, representante de Olívia Santana, que é uma militante de todos os terreiros da Bahia e nos ajuda também, cantando Pai Iroko, que é a raiz de Iroko do Terreiro Oxumarê, que é o Olofin. A Mãe Sindália que me ensinou, viu? Porque os meus mais velhos começam... Ela sempre ia lá em casa e dizia!

(O Pai Poti canta o Pai Iroko)

Iroko está dizendo que o Terreiro Oxumarê vive de dia e de noite! As raízes não dormem, o corpo não dorme de noite. Axé ô! Aláfia. (Palmas)

A Sr^a FÁTIMA:- Convido agora a Ebomi Nilza. (Palmas)

(A representante dos Correios procede à entrega do álbum de emissão.)

(Palmas)

A Sr^a FÁTIMA:- Ouviremos, a seguir, o pronunciamento da diretora regional dos Correios na Bahia, Sr^a Alda Neiva. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a ALDA LÚCIA NEIVA:- Exm^o Deputado Estadual Bira Corôa; Exm^a Deputada Estadual Maria del Carmen; prezado Babalorixá Pecê, em nome do qual cumprimento todas as autoridades religiosas aqui presentes e de todos os terreiros da nossa Bahia querida e do Brasil; demais autoridades presentes, senhoras e senhores, convidados, bom-dia!

(Lê) “É uma grande honra para nós, dos Correios, realizar o lançamento deste selo personalizado em homenagem a esta valiosa instituição, que é a Casa de Oxumarê, pelos seus 180 anos de religiosidade e compromisso social.

Com sua grande riqueza cultural, os negros vêm influenciando não só o Brasil, mas diversos países em todo o mundo. Muitas nações usufruem da diversidade do movimento negro seja na música, na dança, na culinária, na religião ou na política. E se o nosso País pode se orgulhar de sua pluralidade cultural, deve isso, em grande parte aos negros que aqui chegaram ainda na época do Brasil colonial.”

São inúmeros os exemplos de negros que influenciaram, não apenas a nossa cultura, mas a de todo o mundo.

Por isso, seria impossível falar da cultura e da história brasileira, sem falar da grande contribuição dada pelos negros nesse processo.

Nesse contexto, deve-se abrir um capítulo à parte em nossa história para falar da inestimável contribuição da Casa de Oxumarê para a manutenção da cultura e da religião negra em nosso País, especialmente pela valorização do candomblé, garantindo à comunidade negra o direito de preservação da sua crença e costumes.

Além disso, ao longo dos anos, desde a sua fundação, essa Casa tem dado uma valiosa contribuição social para o crescimento das comunidades em seu entorno, educando crianças e jovens e dando-lhes oportunidade de conquistar melhores condições de vida.

Portanto, reconhecer a importância do Terreiro de Oxumarê é uma forma de reconhecimento à nossa própria história e cultura nos seus mais diversos aspectos.

São instituições como a Casa de Oxumarê que alavanca os avanços tão necessários à evolução de nossa sociedade. Por isso mesmo serão sempre reconhecidos pelos Correios, que é, sim, uma empresa socialmente responsável e que busca valorizar o nosso povo, bem como preservar os nossos valores.

Apoiar a arte, os esportes, a educação e fomentar o respeito à diversidade religiosa tem sido uma constante preocupação dos Correios, que buscam não apenas serem bem-sucedidos nos seus negócios, mas também contribuir para o desenvolvimento desta nação. (Lê) “Com as peças filatélicas produzidas especialmente para esta data, os Correios demonstram, mais uma vez, o seu

compromisso, enquanto empresa pública, em realizar eventos como este, que são uma forma de preservar a nossa história e a nossa cultura.

Os nossos parabéns a todos que trabalharam para construir e manter a Casa de Oxumarê ao longo de sua trajetória. Esperamos poder estar presentes em seus próximos aniversários, certamente com o mesmo orgulho que sentimos por estar aqui hoje, prestando essa merecida homenagem a todos os que estiveram a frente dessa importante instituição religiosa, que tão bem desempenhou o seu papel na preservação da identidade brasileira. Muito obrigada e bom dia a todas e todos!”

(Palmas)

A Sr^a Fátima:- A Sr^a Alda Lúcia Snoeck Neiva congratula-se com as autoridades e convidados presentes, dando por encerrada a solenidade de lançamento do selo personalizado em homenagem aos 180 anos da Casa de Oxumarê. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes de dar prosseguimento a nossa pauta, quero externar um agradecimento muito especial aos Correios do Brasil, em especial à Bahia, na pessoa da Dr^a Alda Neiva, pelo reconhecimento, pelo empenho e, acima de tudo, por nos proporcionar uma honraria que não poderia ser diferente, mas posso afirmar que eterniza um feito da nossa identidade e de toda a construção de nossas lutas.

Oxumarê, neste exato momento, não apenas simboliza um dos terreiros mais antigos da cidade de Salvador e da Bahia, ele demarca para toda existência da história e da construção social do Brasil daqui para frente como uma marca presente. Esse selo, sem dúvida nenhum, é a maior das honrarias que qualquer instituição ou personalidade pode adquirir no nosso País.

Então, muito obrigado aos Correios por nos proporcionar este momento de identidade, de reconhecimento, mas acima de tudo de respeito.

Muito obrigado. (Palmas)

Quero ainda, quebrando o protocolo, conceder ao professor Jaime uma breve fala.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra o professor Jaime Sodré.

O Sr. JAIME SODRÉ:- Estou quebrando o protocolo por um motivo, Sr. Deputado, muito justo: quando se falou em Correios, que, por sinal, tem como patrono Exu Elegbara, esquecemos de chamar a atenção de sua brilhante equipe. Eu gostaria da atenção dos senhores, reservando energia para palmas vigorosas, saudar as seguintes pessoas: A Sr^a Alda, a Sr^a Jane, a Sr^a Fátima, e teria que ter uma perna de calça, o Sr. Ernesto.

(Palmas)

Muito obrigado, deputado, e um bom-dia.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença do prefeito do município de Ichu, George Ferreira Carneiro. (Palmas)

Neste exato momento, concedo a palavra à coordenadora técnica do Iphan, Sr^a Flor-de-Lis Dantas e Cardoso.

A Sr^a FLOR-DE-LIS-DANTAS E CARDOSO:- Bom-dia. Gostaria de cumprimentar todos e todas. Estou aqui em nome do superintendente do Iphan na Bahia, o Sr. Bruno César Sampaio Tavares. Minha fala vai ser curta, não vim preparada para discursar, nem sabia que ia compor a Mesa, mas gostaria de externar o nosso agradecimento ao deputado Bira pelo convite e agradecer a participação neste ato solene de comemoração dos 180 anos da Casa de Oxumarê, lembrando que o Iphan tem como sua principal missão a preservação e a salvaguarda das tradições do patrimônio cultural nacional.

Então, é uma honra estarmos aqui hoje, comemorando com os senhores esses 180 anos. É uma alegria. Desejo muita felicidade e que muitos outros anos venham para que possamos comemorar juntos esses anos de tradição, de luta, de preservação das tradições culturais afro-religiosas.

Meu muito obrigada e meus parabéns à Casa Oxumarê. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao presidente da Fundação Palmares, Erivaldo Oliveira. (Palmas)

O Sr. ERIVALDO OLIVEIRA:- Senhoras e senhores, bom-dia.

Deputado Bira, meus parabéns por sua brilhante iniciativa para a realização desta sessão especial. O senhor, Bira, é um deputado que honra toda a Bahia através de seu mandato atuante, brilhante. Quero saudar todos em nome do meu mestre e professor que tanto honra a história da Bahia, o grande mestre que já falou toda a história aqui do Oxumarê. Quanto ao terreiro de Oxumarê, 180 anos nos separam da sua fundação. Quero externar, aqui, o velho discurso, a velha frase de Caetano Veloso, meu conterrâneo da nossa Santo Amaro, (palmas) quando ele diz que tudo chegou sobrevivente no navio e ainda produziu milagres de fé no extremo ocidente!

Foi assim que os negros chegaram: amontoados em navios fétidos! E, ao desembarcar desses navios, procuravam a margem do rio, que não era o rio, era um oceano sem fim, era o oceano chamado Atlântico que presenciou a mais cruel de todas as travessias, professor. Aqui chegaram reis e rainhas dos seus clãs! Olhem a postura desses homens e dessas mulheres, se não são posturas de reis e rainhas! Aqui chegando, produziu todo esse milagre: resistiram o quanto pôde!

Esse povo nosso chegou aqui com uma língua ininteligível. Como sobreviver arrancados dos seus clãs e separados pais e filhos? Chegaram com a sua fé, com seus cantares, com suas danças em suas senzalas! Eram vendidos como peças da pior qualidade. Os maridos eram separados de mulheres. As famílias tinham os seus laços desfeitos.

A crueldade do sistema colonial de exploração afirmava, pior ainda, professor, peremptoriamente, que os negros não tinham alma. Dizia-se isso para dar legalidade ao regime escravocrata, à escravidão cruel que presenciamos.

A esperança dos sobreviventes era apelar para a generosidade de uma igreja cristã. O cristianismo, o legítimo cristianismo herdado da Santa Inquisição, aqui chegou nesse período e logo atestava a inexistência de alma naqueles negros de corpos nus que atiçavam, até, avidez sexual dos seus proprietários! Com tudo isso, minha gente, o inferno da travessia só era comparado à crueldade nas senzalas! É triste rememorarmos isso!

Mas é bom sabermos, com diz o grande historiador, que o passado é o profeta olhando para o futuro! É preciso que rememoremos, sempre, o nosso passado para ter respeito ao nosso futuro.

Vejo vocês falando aqui do respeito aos mais velhos e do respeito às tradições. Isso é fundamental para termos uma sociedade mais igual e mais humana.

Senhoras e senhores, a igreja das trevas da Idade Média, tardia no Brasil, não permitia o paganismo. Logo, os negros eram obrigados a frequentar as igrejas católicas! Astutos reis e rainhas das suas tribos iam e frequentavam! E quando busco estratégias, seja na política, seja na gestão, para implementar estratégias, busco inspiração na estratégia desse povo! Porque eles foram até a igreja, frequentavam a igreja e transformaram o Santo Antônio em Ogum; São Jorge em Oxóssi. Transformaram os santos católicos em nossos grandes orixás!

E, aí, nasce o sincretismo religioso! Não é mestre?

E, com tudo isso, minha gente, produzimos este milagre de fé no extremo ocidente. A década de 1830, no Brasil, foi uma década efervescente, cultural e historicamente. O ano de 1835 é a grande Revolta dos Malês. Em 1836, intrépidos reis e rainhas, heróis e heroínas do povo negro fundam este grande terreiro que tem a religiosidade e o compromisso social. Precisamos, cada vez mais, ter este compromisso social. Este grande terreiro fez história e nos inspira, cada vez mais, a continuar a nossa caminhada.

Precisamos, sim, professor, publicar mais livros sobre a história desse povo, pois a nossa história é muito passada oralmente. Nós precisamos colocar isso em livro. Estou fazendo um convite, aqui, de público, professor, para o senhor fazer parte do conselho editorial que estamos fazendo na Palmares para, cada vez mais, publicarmos livros sobre a história de nossa gente. (Muitas palmas) Professor, desde já, o senhor está convidado a fazer parte do nosso conselho editorial. Queremos publicar a história do nosso povo. Queremos contar a história dos nossos líderes espirituais.

Mestre, estamos criando, na fundação, um negócio chamado “Minuto Afro” e vamos passar o mesmo na televisão e em todos os lugares deste País para contar a história dos nossos orixás, (palmas) para contar a história dos nossos grandes líderes, dos nossos grandes vultos que a história oficial, muitas vezes, não conta. E, em relação a esse “Minuto Afro”, nós já estamos produzindo o mesmo para ser lançado nacionalmente com o selo da Fundação Palmares, com a SEPI (Secretaria de Estado de Publicidade Institucional). E pretendemos fazer parceria, também, com Sepromi. (Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia)

Estamos, aqui, para dizer e afirmar, cada vez mais, que queremos políticas afirmativas, sim, para elevar a moral do povo preto, do nosso povo. Queremos políticas públicas que elevem a mobilidade social do negro e não mantendo-o em guetos e favelas que isolam o ser humano da sociedade. Nós não queremos isso. Queremos que a Palmares realize políticas públicas de inclusão social.

Vamos fazer, agora, uma exposição em Brasília sobre cultura e arte negras. Disseram: “Vamos fazer na Associação do Candomblés.” Eu respondi-lhes: “Não. Nós vamos fazer no melhor e no maior shopping de Brasília, porque queremos ver e queremos que as pessoas vejam nossos saberes, nosso conhecimento e nossa cultura.” (Muitas palmas) Minha gente, havia o povo negro. No Brasil, chegou o capitalismo tardio. O mundo já vivia uma grande fase do capitalismo. E o Brasil não podia continuar com aquela escravidão! Eis que liberta-se o povo negro!

Mas, para ocupar o seu lugar, vieram os imigrantes italianos, alemães para trabalhar com a cultura que “os negros não sabiam trabalhar!” Mas foram os braços dos negros quem construiu a riqueza deste País e esses mesmos braços foram jogados sem eira nem beira. Daí, vêm as políticas de ações afirmativas. Daí, vem uma política. Todas foram feitas na década de 2000 como políticas afirmativas para elevar, cada vez mais, a moral do povo negro.

Um grande historiador da Bahia dizia, à época dos grandes debates sobre a questão das cotas, que a universidade na Bahia já foi muito mais negra. E, aí, eu me assustei e parei para ouvir o grande mestre Cid Teixeira. Ele disse que a universidade era muito mais negra, porque as escolas públicas tinham qualidade. E o que foi feito da escola pública? Mestre Bira, também, é professor. O que foi feito da escola pública? Tanto que Dorival Caymmi cantou que “a Bahia era a terra do preto, doutor”. Precisamos, cada vez mais, retomar isso.

Chega de políticas das migalhas que caem ao chão!

Uma semana antes da Copa do Mundo nós tínhamos recurso para levar a cultura afro para a Casa Brasil, lá no Rio de Janeiro. Cortaram o dinheiro! cortaram o dinheiro! cortaram o dinheiro da Palmares! Aí, eu disse: que cultura vocês querem mostrar no Rio? Qual, se eu não tenho a cultura afro lá? E, aí, todos os pares que estavam lá ficaram constrangidos e me disseram: a gente não participa mais das reuniões enquanto não devolverem o dinheiro da Fundação Palmares. Porque a gente precisava mostrar a nossa cultura! Nós fizemos uma amostra de filmes lá no Rio de Janeiro que simplesmente foi aplaudida de pé por mais de 5 minutos, com grandes filmes de cineastas negros deste País! Meus amigos, eu tenho muito a realizar pela Fundação Palmares, pelo povo de santo de minha terra, pelos meus terreiros, pelo meu Recôncavo! (Palmas) E nós temos muitos projetos para fazer aqui na Bahia e no Brasil, além desse Minuto Afro em que vamos retratar a história do povo negro. Nós queremos fazer também em Salvador algo chamado Corredor Cultural Afro. Eu quero transformar a liberdade em um corredor cultural, para que nesse corredor eu tenha bailes típicos, eu tenha museu contando a história do povo negro! E a representante do IPHAN está aqui para nos ajudar.

Eu quero transformar cada terreiro em pontos de cultura. Lá em Santo Amaro,

nós queremos transformar o seu terreiro em ponto de cultura! (Palmas)

Queremos também, numa parceria que estamos fazendo em Brasília com Luislinda Valois, fazer com que os terreiros também celebrem casamentos. Eu caso na igreja protestante, eu caso na igreja católica, por que eu não casar na minha fé? Que é o meu terreiro? (Palmas) Vocês estão vendo quantas coisas nós podemos fazer! Nós queremos capacitar as comunidades quilombolas com políticas públicas que levem a verdadeira dignidade do nosso povo.

Eu quero concluir dizendo que a história é um profeta olhando para o futuro, e vamos ainda produzir muito mais milagres de fé neste extremo do Ocidente!

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, convido Lindinalva para fazer os registros de presenças.

A Sr^a Lindinalva:- Registro as seguintes presenças: Terreiro Bastite, Sr. Antônio Cosme, da Sepromi; Sr. Ailton Ferreira, da Sepromi; Sr^a Cristina Rodrigues, representando aqui o mandato da deputada Fabíola Mansur; o Terreiro Ilê Axe Alaketu, Ogunjá Remi. Convidamos agora a Ebomi Edelzuita de Omolu para fazer a entrega simbólica do Selo da Casa Oxumaré. Ela fará a entrega às pessoas que participam da Mesa.

Enquanto ela faz a entrega, eu convido aqui na frente Pai Raimundo da Umbanda; Mãe Railda, Mãe Luízinha, e Mãe Edelzuita de Oxalá. Fiquem em pé aqui, por favor.

A Ebomi Edelzuita é a mais velha do Terreiro Ilê Axé Oxumaré, presente nesta sessão.

(Entrega de Selos Casa de Oxumaré aos componentes da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Major Paulo Sérgio Peixoto. (Palmas)

O Sr. PAULO SÉRGIO PEIXOTO:- Meu cordial bom dia a todos e a todas, minha bênção aos mais velhos. Eu queria dizer que além de Major da PM, sou ogan confirmado do Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Terreiro do Engenho Velho da Casa Branca, e, nesse evento, além de representar o Comandante Geral da Polícia Militar, o Coronel Anselmo que não pode estar aqui por compromissos já agendados, também faço-me representar nesta Casa.

Gostaria também de dizer que a alegria previne o mal e prolonga a vida. Pessoalmente, estou bastante alegre de estar aqui hoje, porque uma entidade negra existir por mais de 180 anos vencendo preconceitos, a discriminação e todo esse contexto racista da sociedade brasileira contra nós, povo de santo, é uma alegria muito grande para todos nós. Feliz porque estou no meio dos meus irmãos de santo, comemorando 180 anos de uma casa de candomblé pioneira na luta contra a intolerância religiosa. Alegre porque Babá Pecê é, além de meu irmão de santo, meu

irmão de farda: um policial militar veterano, como chamamos os policiais militares aposentados. Como na Polícia Militar não há ex-policial, é muito bom estar, aqui, hoje, representando a Polícia Militar e me congratulando com uma Casa que tem um irmão de farda à frente. Em 2005, quando protagonizamos a criação do primeiro núcleo de religião de matriz africana das Polícias Militares do Brasil, esteve conosco, ombro a ombro, fazendo com que esse núcleo criasse um contexto de respeito e dignidade ao policial militar que é de Candomblé. Nós da Polícia Militar da Bahia fomos pioneiros nessa luta. Os policiais militares de Candomblé da Polícia Militar, que antigamente tinham vergonha de se assumir como gente de Candomblé, hoje têm orgulho de sê-los. Então, vida-longa ao Terreiro do Oxumarê, vida-longa à Polícia Militar da Bahia, vida longa ao nosso Candomblé.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra, a deputada Maria del Carmen.

A Sr^a MARIA DEL CARMEN:- Bom-dia a todos.

A bênção dos mais velhos e de todos os que estão aqui. Saúdo a Mesa, em nome do nosso Babá Pecê; em nome de Sandra; do meu amigo querido e de enorme empatia e amizade profunda, Jaime Sodré, figura que orgulha a todos nós, baianos; saúdo a diretora dessa tão importante empresa da vida brasileira, está presente em todos os 5.517 municípios do Brasil, é um patrimônio do povo brasileiro, assim como o Oxumarê, que faz 180 anos. Temos que preservar pública essa empresa, para que não possa ser modificada, ambos são referências.

Lembro-me, Sandra, há alguns anos, quando o Oxumarê passava por uma enorme dificuldade, nossa prefeita Lídice da Mata estava lá, e tive oportunidade de estar lá, acompanhando aquelas intervenções que foram realizadas. E é com muita alegria que estou aqui. Permitam-me ser branca, espanhola de origem, e falar para vocês. Quero agradecer as palavras de Bira, mas eu não tinha legitimidade para estar nesta Casa, nesta representação que ele faz. O meu papel era passar para que você de fato representasse esse segmento que está aqui, hoje.

Parabéns ao Oxumarê pelo trabalho, pela história, por tudo o que tem realizado ao longo da sua vida, desses 180 anos de existência. Os senhores e as senhoras que aqui estão, representam para nossa sociedade e para nossa cidade o que ainda temos de meio ambiente preservado. Se não fossem os senhores e as senhoras, no trabalho cotidiano, com certeza, poucas árvores e poucos espaços verdes existiriam nesta cidade e em muitas outras.

Portanto, parabéns. Contem com o nosso trabalho, com o nosso dia a dia nesta Casa. Parabéns, Bira, pela realização desta homenagem mais do que justa. Que Oxumarê possa comemorar mais muitos outros 180 anos, como referência do seu trabalho e da sua dedicação na causa dos compromissos sociais, mas principalmente na religiosidade do nosso povo.

Parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido para fazer uso da palavra a secretária de Promoção de Igualdade Racial do Estado da Bahia, neste ato representando o governador Rui Costa, Fabya dos Reis Santos.

A Sr^a FABYA DOS REIS SANTOS:- Boa-tarde a todos e a todas, iniciar pedindo licença, agô, banda gira, para que eu possa me dirigir a esta solenidade histórica no dia de hoje.

Quero cumprimentar aqui o nosso Sr. Presidente da sessão, nosso deputado, que de maneira extraordinária presta esse reconhecimento a Casa de Oxumarê; a Sr^a Deputada Maria del Carmem, que tem aí uma tarefa, mas que juntos vamos conseguir trazer os conteúdos fundamentais para o seu trabalho que já traz uma contribuição histórica para nós. Saudar, aqui, o nosso Major Paulo Sérgio Peixoto da Silva, que neste ato representa o Coronel Anselmo Brandão; a Sr^a Diretora Regional dos Correios, Alda Lúcia Neiva, através da qual parabenizo a iniciativa dos Correios que coloca e traz, além do conjunto da história desses homens e mulheres os 180 anos, marcando com esse selo. Então, parabéns pela iniciativa dos Correios, junto com o nosso deputado Bira Corôa. Saudar o nosso professor da UNEB, nosso mestre de muitos conselhos, de muitas conversas, Jaime Sodré, sempre uma referência para mim, que sou mais nova – ele gosta de falar da idade; Sr. Presidente da Fundação Cultural Palmares, Erivaldo Oliveira da Silva, que tão bem se colocou aqui do ponto de vista dos desafios das políticas públicas, quero me dirigir a você para dizer que estamos, sim, abertos ao diálogo, para que possamos seguir avançando, para que não haja nenhum direito a menos para a população de negros e negras e para os povos tradicionais de nosso Brasil e da nossa Bahia. Saudar a Sr^a Uiara Lopes, representante da nossa querida secretária Olívia Santana, que vem dando uma contribuição histórica ao nosso povo de homens e mulheres negras; cumprimento a coordenadora técnica substituta do IPHAN, Flor-de-Lis Cardoso: nosso abraço; o Sr. Representante da Igreja Batista de Nazaré, Pastor Djalma Torres, que faz esse exercício do respeito e da tolerância entre as religiões em nosso Estado; nossa Ebomi Sandra, a benção neste ato tão importante.

Quero me dirigir, fazendo a nossa saudação especial, trazendo um abraço do governador Rui Costa e o reconhecimento pela contribuição histórica da Casa de Oxumarê, que hoje celebra seus 80 anos. Dirigir-me aos meus mais velhos e aos meus mais novos, Ailton Ferreira, que é da casa, preparou uma fala para a gente, trazendo todos os elementos e os detalhes dessa história, que é, sem dúvida nenhuma, extraordinária e conta como foi a construção disso tudo. Quero reconhecer o seu trabalho, Ailton Ferreira, agradeço demais, mas quero neste momento especia olhar nos olhos do meu povo e dizer as palavras que saem do coração. (Palmas) Então, vir hoje aqui na condição de uma mais nova do candomblé, representando a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, que recém-empossada fui também nesta Casa, é uma emoção, de fato, muito grande. E quando tocávamos aqui, ficamos sentindo a

vibração e a força da nossa ancestralidade, de um povo que chegou aqui, resistiu, construiu história e que trouxe um aprendizado para o povo do mundo do que é a resistência e do que é se colocar para o exercício do respeito a todas as profissões de fé.

O Estado é laico, e nós que estamos na função pública temos que assegurar para que nenhuma religião sofra preconceito, para que nenhuma religião seja tolhida do seu direito, dos seus rituais, das suas liturgias. O meu compromisso, a minha tarefa atual, através da Secretaria da Promoção da Igualdade, é dialogar, construir e assegurar esse direito. Nós reconhecemos que as casas de candomblé, o povo de terreiro, tem sido, na história do Brasil, um dos povos que mais sofrem com a discriminação da intolerância religiosa. Portanto, estarão na nossa ordem de prioridade. Temos aqui o exemplo do pastor Djalma, padre Lázaro, que nos dão a lição de como podemos construir essa convivência respeitosa. Não só a tolerância, mas o respeito entre nós, homens e mulheres.

Quero dizer que entre os novos desafios tenho-me colocado a ouvir um conjunto de lideranças do Movimento Negro, das representações dos povos tradicionais, das representações dos povos de terreiro, que está reconhecido tanto na política nacional de povos tradicionais quanto na nossa política estadual. Um diálogo para que possamos, sim, avançar na estruturação das políticas públicas, um debate que está colocado hoje. E o governador Rui Costa, com a década internacional para a afrodescendência, nos dá a missão de coordenar um plano, professor Jaime, para o próximo decênio, em que vamos ter o desafio de pensar as políticas para os povos afrodescendentes e, também, para os povos de terreiro. Avançaremos nesse diálogo e o nosso povo não pode estar de fora. Somos nós, conjuntamente, Estado e sociedade civil, fazendo o aprimoramento para que tenhamos, de fato, agendas que nos interessem, agendas que impactem de fato nas nossas vidas e não sejam apenas uma letra morta. Esse é o desafio.

E um dos desafios da década é o reconhecimento de justiça e desenvolvimento. Hoje, temos aqui um belo exemplo com a iniciativa dos correios, com a iniciativa do deputado Bira Corôa, que reconhece essa história, essa construção de homens e mulheres, e que presta, não só do ponto de vista da sua profissão de fé, um trabalho de compromisso social, como diz muito bem o professor Jaime Sodré. Educando, colocando atividades dentro do terreiro e dando uma lição para o mundo de como começamos com os nossos mais novos, ensinando respeito ao próximo, ensinando valores de convivência social.

Então, não quero me delongar, mas quero dizer que abro e assumo recentemente esse espaço de diálogo para que possamos seguir avançando com respeito e com toda minha disposição para o trabalho. Porque isso eu aprendi muito cedo no MST, que é de onde venho, do Extremo Sul da Bahia, do município de Itamaraju, estudante de escola pública, da Escola Municipal Rui Barbosa. Hoje, posso dizer que, junto com meu povo, cheguei aqui e vi que conheço muitos pelos nomes, companheiros do CDCN, companheiros da secretaria, como companheiro Cosme, são com essas pessoas que vamos, na condição de abião também da política pública,

avançar nesse diálogo com todos vocês.

A benção aos meus mais novos, os meus sinceros agradecimentos e mais uma vez, Babá Pecê, o senhor está de parabéns pela forma respeitosa e honrosa como vem tocando a sua casa e o diálogo com o conjunto das outras.

Quando leram aqui o conjunto das pessoas que se fizeram presentes alcançamos a nossa capacidade de irmandade, alcançamos a nossa capacidade de nos juntar e dizer que podemos ser muito mais, e já somos muito especiais.

Então, quero registrar esse dia que entra para a história e que fui convidada e tenho a honra de estar aqui presente e agradecer a Bira Corôa, agradecer aos mais velhos. Estamos juntos, contem comigo para a nossa disposição, e seguimos com esta celebração nesta tarde, neste dia maravilhoso, homenageando aqui o Babá Pecê.

Muito obrigado a todos e a todas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Agradecemos a todos e a todas. Quero, neste momento, abrir um novo espaço também de extensão de homenagem e convidar o Babá Sérgio do Terreiro Ilê Yeoman, representante da Mãe Lídia, para prestar a homenagem ao sacerdote do Terreiro Oxumarê Babá Pecê.

(A Sr^a Mãe Lídia entrega homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a ebomi Mirian do Terreiro Ilê Axé Oju Onirê para prestar também uma homenagem ao Babá Pecê.

(Entrega da Homenagem)

(Procede-se à entrega da homenagem ao homenageado.) (Palmas)

(Procede-se, também, a uma apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido o Babá Poti, representando o Bembé do Mercado, para, também, oferecer uma homenagem ao Babá Pecê. (Palmas)
(Procede-se à entrega da homenagem ao homenageado.)

O Sr. Babá Poti:- Mais uma vez, este troféu é em nome de 65 terreiros de Santo Amaro cadastrados no Bembé do Mercado, onde o Terreiro Oxumarê tem dado uma força total durante esses 15 anos. Depois de 128 anos, um ano após a abolição, o Terreiro Oxumarê, através de Marcos Rezende, se tornou conhecido. Marcos Rezende formou uma associação. Quer dizer, abriu-se um CNPJ. Agora, o Bembé do Mercado é conhecido em Brasília como uma associação. Entenderam? Foi com o Terreiro Oxumarê que Marcos Rezende, através de sua militância, junto a ekele Rose nos ajudaram.

Vejam, nós precisamos de ajuda. São vários os terreiros que precisam de ajuda. Se não existissem esses terreiros com mais conhecimentos, os outros terreiros ficam lá embaixo. Então, eu peço uma salva de palmas para o Oxumarê. (Muitas palmas)

E, aí, como tudo no terreiro é música e como houve uma cantora que cantou para o Oxumarê, eu vou dar, também, uma resposta cantando. Em nosso terreiro, há três respostas. Uma delas fala assim.

(Procede-se à apresentação musical.)

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Dando sequência às homenagens, eu quero, em nome do mandato da igualdade desta Casa, junto à Comissão da Promoção da Igualdade desta Casa, tecer uma singela homenagem ao Terreiro Oxumarê e a todos os integrantes em nome de Babá Pecê mas, especialmente, lembrando e reafirmando o papel e a contribuição dadas por aqueles que já não estão mais entre nós, mas aqueles que reergueram o terreiro, antecedendo Babá Pecê. A nossa ancestralidade não pode ser esquecida nunca, porque a nossa existência depende da sua força.

(Palmas)

Ouviremos, neste momento, o canto sagrado proferido pelos companheiros de muitas jornadas e lutas: Aloísio Menezes e Gileno. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Como sempre, agradecemos a Aloísio pela contribuição.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Mas, neste exato momento, nós nos curvamos para ouvir aquele que, no dia de hoje, representa a condução do Terreiro Oxumarê e rege as ações de todos nós e, com simplicidade, humildade, firmeza e determinação, tem sido uma das grandes referências do Axé na Bahia, o Babá Pecê.

(Palmas)

O Sr. BABÁ PECÊ:- Bom-dia a todos. Quero saudar o meu mobujá, todos os ancestrais e todos os orixás.

Meus cumprimentos à Mesa.

É muita emoção. Estou, ali, me segurando e pedindo força a todos os ancestrais para continuar nos mantendo em nossa luta.

Eu, como Babalorixá da Casa de Oxumarê, tenho uma forma diferenciada de ver as coisas. Vejo a Casa de Oxumarê como todos os terreiros da Bahia. Vejo a Casa de Oxumarê dentro de todos os terreiros. (Palmas)

Este é um momento histórico, pois este é um tributo aos ancestrais que lutaram... (Pausa) Eu me emociono quando falo dos ancestrais. (Palmas) Porque eu sei da história. Eu conheço todo o sofrimento, porque, dentro dos terreiros, nós ouvimos o que os nossos ancestrais passaram momento histórico, é um tributo aos ancestrais que lutaram... Emociono-me quando falo dos ancestrais, (palmas) porque sei da história, conheço o sofrimento, porque nos terreiros ouvimos o que os nossos ancestrais passaram, a gente sente as abás, os antigos que alcancei, ainda hoje temos alguns, e de outros terreiros também que contam.

Quando olho para aquela homenagem, aquele selo, eu volto ao passado, porque quando fazemos a roda de candomblé voltamos ao passado, aos ancestrais, e dentro disso a gente sabe que aí vem a manifestação do Orixá, para que a gente, que ainda é humano não chegue muito além ainda.

Então, sempre estamos voltando ao passado, o candomblé é uma religião que

preserva o seu mais velho, que protege, porque eles são detentores do conhecimento. Os nossos mais velhos, jamais permitimos que eles sejam colocados em abrigos, os mais velhos, o terreiro está sempre aberto quando, muitas vezes, até familiares querem colocar num abrigo, e o terreiro já tem esse papel importante na vida do ser, porque hoje tem um tema que coloco muito: o ser humano está pensando muito no ter e esquecendo o ser. E o terreiro ainda dentro dos seus espaços pensa e valoriza o ser.

E nós, Povo de Santo, sempre fizemos a diferença e vamos fazer sempre. Essa Casa por ter me recebido, agradecer ao deputado Bira Corôa, mais uma vez, pela sua ação, pela sua coragem, porque abrir as suas portas para o Povo de Santo precisa ter coragem, (palmas) porque a gente sabe que o preconceito e a discriminação ainda são muito fortes. Mas somos um povo que ajudamos, não devemos temer, e não devemos evitar de buscar esses espaços, esses locais. Ainda é pouco, gente, mas precisamos estar nesses espaços, precisamos estar ocupando mais, nosso povo. O momento é esse – pense bem no que estou dizendo – esse é o momento, um momento de transição em todo o País, vamos pensar porque nós, Povo de Santo, somos fortes quando estamos juntos e juntos ninguém vai nos vencer.

Então, além dos espaços dos terreiros precisamos estar juntos lutando pelos nossos direitos, que existem e que às vezes são negados. E nós, às vezes, não buscamos.

Mas acredito que nós, Povo de Santo, como foi dito aqui fazemos história até o dia de hoje, que é um grande dia.

Este momento não é meu, não é do Terreiro Oxumarê, é de todos os terreiros do Brasil, (palmas) todo o povo de santo, do terreiro mais simples – eu costumo dizer que o terreiro está coberto de palha, porque ninguém começou do alto, todos nós começamos de baixo. (Palmas) O Terreiro de Oxumarê já foi um dia de sapato, já foi um dia de palha, já foi um dia como alguns hoje estão começando, mas na resistência, na luta, chegamos a colocar um adobe, como é chamado, um tijolo, e fomos levantando nossos templos, porque nós não tínhamos direito a nada. Não é que o templo do povo de santo tinha que ser simples, não. É porque nós não tínhamos direito nem condições de ter nossos templos tão grandiosos, tão suntuosos, tão fortes, porque o nosso povo não tinha o direito mesmo.

Mas nós vamos lutar, e nossos templos vão ser tão fortes, pois somos fortes de energia da terra, de axé, da força que emana da natureza. (Palmas) Quando falo de ser forte, não é ser de ouro, não é ser de ostentação, não. É ser de energia, ser de força.

Mais uma vez, quero agradecer a todos os amigos, terreiros aqui presentes, todos os filhos, a todos, a toda a minha família de axé, consanguínea, todo o meu povo, aqueles que me ajudam a caminhar, a conduzir o axé. Às vezes, não estão perto, estão distantes, mas estão me ajudando, estão me dando força, a gente ter continuidade, manter a continuidade da luta de todos os nossos ancestrais, de Babá Amim Afiká, de Oca Lelê, de Talabi, de Salakó, de Edam Abê Finkê, de Antonio de Oxumarê, de Kotia de Oyá, de Oyá Obi Omim, de Mãe Nilzete, Omim Lolá, de Mãe Simplicia, Babá Mi Ogum, de Mãe Francelina de Ogum, Ogum Tobi e Oxim, de todos esses ancestrais que sofreram, que muitas vezes tiveram que carregar os atabaques na

cabeça pra ir às delegacias, temos relatos policiais.

Como não se sentiam essas pessoas, louvando sem direito a nada, e ainda hoje são negados os nossos direitos. (Palmas)

Não é mais admissível! Homens que constroem máquinas, que constroem computadores, que fazem coisas grandiosas e não conseguem o entendimento do outro, não conseguem respeitar o direito do outro, não conseguem ser humanos, só conseguem, muitas vezes, tentar destruir o outro.

Precisa se mudar. O homem precisa voltar à sua humanidade e respeitar. Não precisa nos tolerar, mas precisa nos respeitar, e juntos construir um mundo melhor, porque o candomblé não é um espaço de maldade como é visto. As pessoas não podem frequentar o seu trabalho com a sua conta, com o seu torço, porque é tida como macumbeira, que faz o mal, e não como membro de uma religião que pratica também o bem, bastante.

Gente, é um desabafo que eu precisava fazer, porque era necessário, e perante, aqui, as autoridades políticas deste País. Que isto possa chegar a outros espaços também. Esses ataques e perseguições de homens que também votamos e nos representam que deixem de vir para esta Casa para criar leis e artigos que nos proíbam de nossas ações. (Palmas)

Eles não estão aqui para fazer daqui local de culto religioso, mas atuar para todo o povo baiano e brasileiro. Não para criar leis de abate contra as nossas práticas religiosas, nem aqui nem em outros setores. Porque esses homens e mulheres ajudaram a construir este país, a educar, eram inteligentes, sim. Não sabiam somente culinária e amamentar, eles tinham capacidades e eram inteligentes. Só não tinham oportunidade nem direito, porque tudo foi cerceado, não tinham direito de se expressar, não tinham alma, teriam mais o quê? Então essa história precisa ser mudada, porque isso ainda existe. Este é um momento histórico. Encerro, sabemos que estão todos cansados, agradecendo a todos os terreiros de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, aqui presentes, de todas as nações. Sei que nosso povo está trabalhando hoje, se fosse sábado ou domingo não ia ter lugar aqui. Sei que o nosso povo precisa trabalhar com essa crise criada que está aí. Este país é rico, não existe crise.

Orixá bobo, orixá furô, que oxalá abençoe a todos nós. (Palmas)

Vou fazer um cântico que os negros cantavam nas senzalas e que hoje cantamos nos terreiros. Ali eles encontravam força, naquele momento. Durante o dia não eram nada nem ninguém, mas durante a noite eles louvavam, cantavam, tinham fé, força e faziam a diferença. Hoje continuamos fazendo diferença com muita força e energia. O que nos mantém vivos é a nossa força de fé, de cultuar os orixás, de cantar e louvar para manter a nossa religiosidade. Axé. (Palmas)

Agora vou cantar um cântico que mais ou menos replica toda a minha fala aqui. Eles cantavam e com isso se fortaleciam, porque ali dentro daquele cântico se falava do negro, da força e que medo não tivesse. Que estava distante da sua terra, mas que esta terra também era nossa. E ali eles se autoafirmavam, remontavam sua estima,

reencontravam a família que foi deixada para trás. O candomblé fez isso, reconstituiu a família. Por isso, lá encontramos o pai, o irmão, a mãe, o tio, pois a família, na diáspora, foi separada.

Os negros se refortaleciam e, dentro desses espaços, cantavam e dançavam. E nós conseguimos preservar. Quando chegamos em Ioió tanto nós choramos como a princesa de Oxobô chorou. Quando ela louvou, cantou, e nós respondemos; ela chorou porque quando olhou, perguntou? Como vocês sabem isso? Como vocês guardaram? No mesmo momento ela chorava dentro do templo de Oxum, e nós chorávamos. O mais magnífico, posso dizer, não chovia há muito tempo, e no momento da sua louvação e das nossas lágrimas de uma comitiva de 15 pessoas, todos choravam, temos essa imagem, o sol quente e começou a chover. Eles pulavam e agradeciam a Oxum por aquele momento, dizendo que nós retornamos à nossa casa.

Foi muito lindo. (Palmas)

(O Sr. Orador profere uma saudação)

Como diz Gerônimo, nessa cidade todo mundo é de Oxum. Mas somos de todos os orixás, de Yemanjá, de Oxalá, de Ogum. Viemos nos braços de Yemanjá, mas ela tinha um propósito. Axé.

(O Sr. Orador canta)

Obrigado a esta Casa, obrigado aos homens comprometidos e às mulheres desta Casa, obrigado a todos. Obrigado ao povo de santo, obrigado ao povo desta terra. Se não fossem vocês, o que seria de todos nós? Obrigado. (Palmas)

Agradeço e convido todos para, amanhã, continuarem conosco na celebração para Oxumarê, às 20h, na nossa Casa. Desejo que todos possam estar conosco, celebrando, louvando e fazendo o que os nossos ancestrais faziam.

Axé! Obrigada a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste exato momento, em que estamos finalizando as atividades desta sessão especial, quero, antes de mais nada, reafirmar os agradecimentos que iniciamos fazendo com o Ilê Axé Oxumarê a todos e todas. Em nome do Oxumarê quero agradecer a todos os terreiros, dos mais simples e humildes, iniciantes aos que atravessaram – posso dizer – séculos de existência; a todos e todas que não estão mais entre nós, mas que deram uma contribuição, e, na condição de ancestrais, nos permitiram chegar até aqui.

Quero agradecer também, muito especialmente, aos mais jovens aqui presentes, pois, se a retroalimentação da fé, dos compromissos não fosse incorporada pelas gerações mais recentes, não teríamos sobrevivido aos massacres, às fortes ações de discriminação e, conseqüentemente, não teríamos o privilégio de estar celebrando 180 anos de um terreiro que, na sua história de vida, tem contribuído para um novo olhar numa nova estrutura da nossa própria sociedade.

Agradeço, especialmente, a Casa Oxumarê pelos 180 anos de existência. Agradeço aos que, no olhar, no reconhecimento e nas virtudes, têm se destacado,

especialmente aos Correios pelo selo que não é apenas uma marca que o tempo poderá levar, mas um reconhecimento que eterniza – como aqui já disse – e simboliza, acima de tudo, uma grande conquista. Agradeço aos deputados e deputadas desta Casa que nos permitiram realizar mais este grande evento nesta Casa.

Estou também emocionado, porque poucas são as oportunidades nas nossas vidas que temos – como disse a nossa secretária – de falar com a alma, de falar de dentro. Poucas são as oportunidades nas nossas vidas; poucas são as oportunidades na nossa história de vida, testemunhar, presenciar e participar de um ato do tamanho e da magnitude, posso assim dizer, como foi esta sessão especial, como tem sido esse dia de hoje.

Não são só 180 anos, posso dizer que são mais de 400 anos de construção, neste País, de presença marcante nossa, negra, da sabedoria, do conhecimento em toda a estrutura desta sociedade. É a nossa presença que faz do Brasil um País diferente, que assentou na Bahia a nossa identidade e que traçou as nossas muralhas de resistência.

Nós celebramos, e aqui aproveito para fazer um agradecimento especial ao governo do Estado da Bahia a partir da gestão do governador Jaques Wagner, (palmas) ora muito bem conduzida pelo governador Rui Costa, (palmas) porque teve a coragem e o compromisso político de criar uma secretaria que representa as nossas lutas em construção de políticas afirmativas, que é, sem dúvida nenhuma, um grande marco, uma grande conquista. Quero agradecer especialmente ao governo federal a partir da gestão do presidente Lula, (palmas) e ora conduzida pela presidenta Dilma, (palmas) por igual condição de nos permitir ter presença nessa sociedade, nos espaços dessa sociedade.

Quero agradecer, sem dúvida nenhuma, a todos que no anonimato não tiveram vergonha de postar as suas contas, que não tiveram vergonha de usar a sua veste e que não se omitiram na condição de religiosidade de negar a sua religião, destacando que muitos o fizeram no passado pela sobrevivência e pela existência e que nós respeitamos, mas não posso deixar de dizer que nos dias de hoje não podemos mais permitir a omissão. Não podemos mais estar escondidos, temos que assumir e ocupar todos os espaços.

Esta Casa, quando aqui chegamos, em 2007, tínhamos um desafio que era o de abrir as portas desta Casa para o nosso povo. E não tivemos dúvidas e não nos curvamos às dificuldades. Enfrentamos e ainda enfrentamos muitas delas, barreiras, discriminações, manobras, atos e ações que tentam negar a nossa existência. Mas é com a força, com a disposição, com a cumplicidade de muitos que temos conseguido fazer esse enfrentamento. Para não me alongar mais do que isso, quero agradecer também aos que não estão na religião de matriz africana, mas têm papel importante nesse processo e nesse contexto. Quero agradecer ao pastor Djalma pela luta, (palmas) pela parceria, pela cumplicidade. Sou testemunha do quanto já recorremos a ele buscando apoio para enfrentar ações nesta Casa quando discutimos o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa no Estado da Bahia, que não aceitávamos ser retalhados como foi o Estatuto Nacional, tivemos em várias pessoas,

inclusive no pastor Djalma, o apoio para enfrentarmos o debate e a discussão.

E o Estado da Bahia tem hoje um Estatuto que é além do Estatuto Nacional e que preservou o capítulo que versa sobre a religiosidade de matriz africana, que deu identidade e reconhecimento à capoeira, quebrando uma elitização e, posso dizer, o academicismo que estava puxando a capoeira quando queriam negar o papel e a importância dos mestres, os direitos de fazeres e saberes, e a Bahia reconhece isso no Estatuto da Igualdade Racial. (Palmas)

E essas são ações importantes, são fatos de conquistas, e que nós devemos as conquistas presentes e atuais, aos que lá atrás dedicaram a vida por acreditar em sonhos e que ora estamos construindo como realidade.

Por isso, quero, neste exato momento, encerrar agradecendo a todas e todas que de forma direta ou indireta têm dado contribuição para construção desta sociedade em que acreditamos. Quero fazer a solenidade de encerramento, como o rito da Casa nos conduz... Desculpem, antes até de fazer o encerramento, quero agradecer aos servidores desta Casa, (palmas) pois seria injusto eu não fazer isso, porque esta Casa funciona até o meio-dia de sexta-feira, não há refeitório, não tem transporte e podemos assinalar que não tivemos sequer um servidor de cara feia, tentando mostrar que o relógio já estava chegando ou demonstrando insatisfação. Os servidores ajudaram sensivelmente na construção e execução deste ato. Quero aproveitar para também agradecer aos colaboradores dos nossos mandatos – o meu, o de Maria del Carmen e de muitos outros deputados e deputadas que ajudaram a construir este ato. Por fim, quero agradecer a toda Mesa, todos os convidados, em nome da secretária Fabya quero agradecer ao governo do Estado pela sensibilidade, responsabilidade e compromisso que tem tido com as nossas lutas.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, eclesiásticas, Sr^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e ao declarar... Antes de declarar encerrada esta solene sessão, quero também destacar os nossos agradecimentos às autoridades religiosas que ora reinam em nossa existência. (Palmas)

Em nome das autoridades, encerro este ato às 13h19min, dizendo que este foi, talvez, posso afirmar que um dos atos mais significativos que pude participar e ajudar a construir nesta Casa e na minha história de vida.

Obrigado a vocês.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.